

O LIVRO IMPRESSO E A TELA: A FORMAÇÃO DO LEITOR, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS

Ana Raquel de Sousa Pourbaix Diniz

Mestre em Cognição e Linguagem/UENF
arpourbaix@gmail.com

Gabriela da Silva Sardinha

Mestre em Educação/UFRJ
gabi.uenf@hotmail.com

RESUMO

Na sociedade atual a formação dos brasileiros por meio da leitura na escola tem sido uma temática que tem provocado muitos questionamentos e reflexões sobre as políticas de formação de leitores, a escola e suas práticas para incentivo para o hábito da leitura e principalmente, proposições sobre o perfil do leitor nas instituições de ensino. Estas questões são justificadas para o apontamento de respostas para a carência de qualidade no que tange construção do hábito de ler. Neste contexto, este estudo apresenta o perfil dos leitores dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública de ensino, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Com esta pesquisa foi possível identificar que o livro impresso ainda é a principal forma de leitura escolhida pelos alunos e a escola pode contar com outras formas paralelas de leitura para desenvolver a formação do leitor.

Palavras-chave: Formação do leitor, Linguagens e Tecnologias.

ABSTRACT

In today's society the formation of Brazilian by reading at school has been an issue that has provoked many questions and reflections on the players training policies, the school and its practices for incentive to the reading habit and mainly propositions about reader profile in educational institutions. These questions are justified for answers pointing to the lack of quality regarding construction of the habit of reading. In this context, this study presents a profile of readers in the early years of elementary school in the public school system in the state of Rio de Janeiro. With this research it observed that the printed book is still the main form of reading chosen by the students and the school can rely on other forms of reading to develop the reader's training.

Key words: Reader Education, Languages and Technologies

1. A FORMAÇÃO DO LEITOR E A CULTURA MIDIÁTICA

As impressões digitais impressas na e pela cultura da midialidade, dos complexos tecnológicos e das práticas que se constroem em torno deles, afetam o processo identitário de formação de leitores e, assim, exigem (re)dimencionar o *lócus* da leitura diante da pluralidade e da democratização dos recursos midiático-tecnológicos. Neste sentido, Santaella (1996), denomina a cultura atual de “cultura das mídias”.

O desafio é pensar a formação do leitor na sociedade contemporânea, buscando compreender a formação de comportamentos de leitura associados aos diversos suportes de escrita. Isso porque, hoje, temos dois tipos de escrita disponível: a escrita fixa, dos suportes impressos e a escrita móvel, a que aparece na tela dos computadores, por exemplo, (LIMA, 2010). Sendo a segunda, resultante da cultura das mídias.

O estímulo à leitura inicia-se no plano surreal, isto é, nos primeiros contatos da criança com os tradicionais livros de Literatura Infantil, parte do universo das simbologias. No entanto, agora, mais do que nunca, as primeiras relações com a leitura acontecem também nos aparatos virtuais. Charthier (1998) alerta a respeito destes diferentes objetos de leitura e motivos pelos quais realizamos o ato de ler:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 77)

Deste modo, o advento da cultura midiática, instiga o debate a respeito dos formatos de leitura e dos motivos pelos quais o sujeito. Diante das formas que surgem, é importante sublinhar que o valor dos gêneros literários, em formato impresso não deve ser minimizado em virtude do surgimento de uma cultura paralela, a cultura das mídias. Pelo contrário, nas maravilhas do discurso literário, podemos encontrar a gênese de um leitor voraz, de um sujeito letrado.

A intensidade, a frequência e a sedução da arte de ouvir e contar histórias na infância propicia o início do processo de formação leitora. A satisfação deste período inicial pode comprometer as futuras relações entre o leitor e a leitura, sejam elas em suportes tradicionais ou em dispositivos tecnológicos. Coelho (2000) adverte:

A Literatura, em especial a Infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/ livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000, p. 23)

Perissé (2011) preconiza:

Tudo começa no próprio modo de segurar o livro. Trata-se, afinal, de uma nova amizade. O modo como apertamos a mão de alguém já demonstra a simpatia inicial, a disposição por estabelecer boas relações. Pois o mesmo acontece com o primeiro “cumprimento” que fazemos a um livro. A leitura do título, do nome do autor, uma olha no índice, num parágrafo escolhido ao acaso toda essa aproximação é o começo de um relacionamento. (PERISSÉ, 2011, p. 39)

Por isso, acreditamos que o relacionamento com as primeiras leituras, como descreve Perissé (2011, p.39), deve acontecer na família. A prática de ler precisa ser incluída no berço de valores construído na instituição familiar. Os pais devem oportunizar os primeiros contatos das crianças com os livros. Entretanto, não é com frequência, que o valor da leitura é introduzido em casa. Seja por negligência, por impotência ou por ignorância cultural, a família, por muitas vezes, deixa de cumprir tal responsabilidade. Então, cabe à escola a continuidade do processo de valorização da leitura, quando iniciado pela família e, por outras vezes, à inserção da criança no universo da leitura, já que para muitos a escola é o único espaço que oportuniza o acesso à tradição literária, à cultura letrada.

Diante do desafio de formar leitores em tempos digitais, exige-se uma competência pedagógica que adota uma perspectiva intercultural crítica, a qual busca investigar a preparação de professores para a conscientização da pluralidade da cultura da realidade em que vivem. (CANEN, 1997). Deste modo, para formar o leitor na contemporaneidade, pais e professores precisam reconhecer a diversidade de cultural literária, de formas e de intenções de leitura.

Lima (2010) afirma que:

Os comportamentos de leitura são aprendidos e dependem de ensino. Eles envolvem a utilização dos produtos culturais que servem de suporte para a escrita, sendo os mais comuns o papel e as telas do computador, do cinema e da televisão. Com crescente utilização, temos também os equipamentos eletrônicos e computadorizados, como caixas eletrônicas, telas de máquinas registradoras e instrumentos pessoais como *ipod*, agenda eletrônica, palmtop, celular. (LIMA, 2010, p.14)

Em tempos de cultura midiática, é indispensável investigar e (re)significar o perfil do leitor e a sua relação com o livro e aos seus descendentes, oportunizando delinear a identidade dos leitores em tempos de web, provocada pelo diálogo intercultural entre a leitura na tela e no papel.

Assim, este estudo pretende considerar a leitura como um elemento humanizador, passaporte de inserção social, fortalecedor da cidadania plena, agente cultura.

2. A LEITURA NA LUPA

O *Programme for International Student Assessment (PISA)* - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes incluiu, em sua última edição em 2012, a avaliação de leitura eletrônica e adotaram a seguinte definição de letramento e leitura:

Letramento em leitura é a capacidade de compreender, utilizar, refletir e se envolver com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e potencial, e participar da sociedade (OECD, 2013; citado por INEP, 2013).

Orlandi (2001) conceitua:

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, 2001, p.9)

Na cultura das mídias, os formatos de leitura são os mais diversos. Independente da forma aderida pelo leitor, precisamos valorizar o ato de ler como possibilidade de gerar sentidos, descortinar os significados, lemas e dilemas da vida, a leitura na vertente da função social.

É questionável uma sociedade repleta de analfabetos funcionais, aqueles que aprenderam a ler, no entanto, demonstram limitações no que diz respeito à aplicabilidade do ato de ler em situações impostas pelo cotidiano.

De acordo com o último Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes realizado em 2012, que estabelece um *ranking* de 65 países, o Brasil ocupa a 55ª posição em leitura. A pesquisa revela ainda que, quase metade dos brasileiros de 15 anos de idade não consegue entender a ideia central do texto e quando comparados os gêneros, as meninas se destacam mais em leitura (OECD, 2013). Orlandi (2001) reforça a ideia de que ler é gerar significado ao conceituar: leitura, em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como “atribuição de sentidos”.

As tecnologias digitais desafiam o modelo tradicional de identidade leitora, marcado pelo acesso e incentivo às leituras em um único dispositivo: o livro impresso (MORAN, 2013).

Para Moran (2013):

Aprender hoje é buscar, comparar, pesquisar, produzir, comunicar. Só a aprendizagem viva e motivadora ajuda a progredir. Hoje milhões de alunos passam de um ano para o outro sem pesquisar, sem gostar de ler, sem situações significativas vividas. (MORAN, 2013, p.3)

Já que os *tablets* e *ipods* oferecem soluções interessantes, motivadoras e encantadoras, a um custo reduzido, os próximos passos na educação estarão cada vez mais interligados a esta mobilidade, flexibilidade e facilidade de uso (MORAN, 2013).

Com as novas tecnologias, tudo está na tela, para ajudar e para complicar, ao mesmo tempo. É cada vez mais difícil concentrar-se em um único assunto ou texto, pela quantidade de solicitações encontradas nas tecnologias móveis (MORAN, 2013).

Atualmente, Moran (2013) chega à conclusão de que quanto mais tecnologias, maior a demanda por profissionais competentes, humanos e inovadores. O desafio para os profissionais de educação do futuro é entender e viver as mudanças em tempos de novas tecnologias.

A noção de cultura é aspecto fundamental para delinear a identidade do leitor de hoje. Afetamos e somos afetados pelas variações culturais do nosso tempo. Vivemos o tempo do multiculturalismo literário.

Na última década, o multiculturalismo vem ganhando espaço em vários setores da sociedade, entre eles, a educação. Isto se dá porque no multiculturalismo a noção de cultura é um aspecto essencial para o desenvolvimento de uma análise das relações sociais e seus determinantes, o que implica um novo olhar sobre o papel constitutivo e central da cultura na sociedade e na formação das identidades. (CANEN, 2011, p. 642)

A compreensão e avaliação dos atos de ler perpassam pela compreensão de leitura impregnada no bojo cultural, das várias interfaces da leitura hoje. Entretanto, algumas pesquisas de relevância nos debates de leitura no Brasil, ainda, revelam a onipresença da leitura do texto impresso.

O resultado da terceira edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada em 2011, organizada pelo IPL, Instituto Pró-livro, contempla o perfil do leitor brasileiro. O estudo envolveu 5 mil entrevistados, em 315 municípios de todos os estados do país, além do Distrito Federal e revelou que o brasileiro lê, em média, 4 livros por ano, sendo que, destes, lê integralmente apenas 2,1 livros. A pesquisa apontou, também, que o país é composto por 50% de leitores (cerca de 88,2 milhões de pessoas) e outros 50% de não leitores.

Os dados da pesquisa que dizem respeito ao hábito e proficiência da leitura, sinalizam o empobrecimento e a precariedade das nossas políticas nacionais de formação de leitores. Sabemos que, quem mal lê, mal compreende a si, o outro, o mundo a sua volta. A leitura é uma das garantias de transformação, de crítica e de relações socioculturais mais conscientes, compreensivas e saudáveis.

A formação do leitor e o diálogo intercultural entre as práticas de leitura com o livro impresso e com o texto eletrônico é tema que se impõe nas sociedades modernas. As impressões digitais impressas na e pela cultura da midialidade, dos complexos tecnológicos e das práticas que se constroem em torno deles, afetam o processo de formação identitária dos leitores e, assim, exigem (re)dimensionar o *locus* da leitura diante da pluralidade e da democratização dos recursos midiático-tecnológicos. Entretanto, embora o livro impresso seja o grande ícone cultural da leitura, o estímulo ao ato de ler, na sociedade contemporânea, precisa englobar a formação de comportamentos de leitura associados aos diversos suportes de escrita.

3. SUJEITOS PESQUISADOS UM RETRATO DO LEITOR DE 6 a 8 ANOS

A presente pesquisa tem como objetivo central (re)conhecer, analisar e (re)significar o processo identitário de formação de leitores em tempos de web. Para tanto, buscaremos delinear o perfil do leitor de 6 a 8, período em que compreende o bloco alfabetizador, isto é, os anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste estudo, investigaremos a relação do leitor com o diálogo intercultural provocado pela dinâmica das interações entre a leitura no livro impresso e no suporte eletrônico.

Para traçar o perfil do leitor de 6 a 8 anos – Ensino Fundamental – rede pública de ensino – município de Campos dos Goytacazes/Rio de Janeiro, foram aplicados questionários, curtos e

diretos (VIEIRA, 2009), aos alunos deste segmento, interrogando-os sobre se leem, o que leem e quais os principais objetos de leitura, frequência, motivação para ler.

No universo de 161 escolas, selecionamos 17 unidades, cujas estruturas contêm sala de leitura ou biblioteca. Aproximadamente, 987 alunos foram entrevistados. Após a primeira elaboração do questionário realizamos um estudo piloto e, posteriormente, validação do instrumento de avaliação. Em seguida, realizamos a coleta de dados e análise dos mesmos, por meio de leitura descritiva.

3.1 Um (re)trato do perfil do leitor de 6 a 8 anos

O gráfico 01 revela que 88% dos alunos entrevistados costumam ler na escola. Este dado possibilita uma reflexão sobre duas questões essenciais, a saber: a escola como espaço/tempo potencial para incentivar o hábito da leitura e o caráter atemporal da formação do hábito de ler. Tais questões em debate dialogam com as acepções de Coelho (2000) referentes ao estímulo à leitura proporcionado pela escola. Independentemente, das metamorfoses culturais, o ato de ler é inerente ao humano e pode provocar transformações pessoais e sociais.

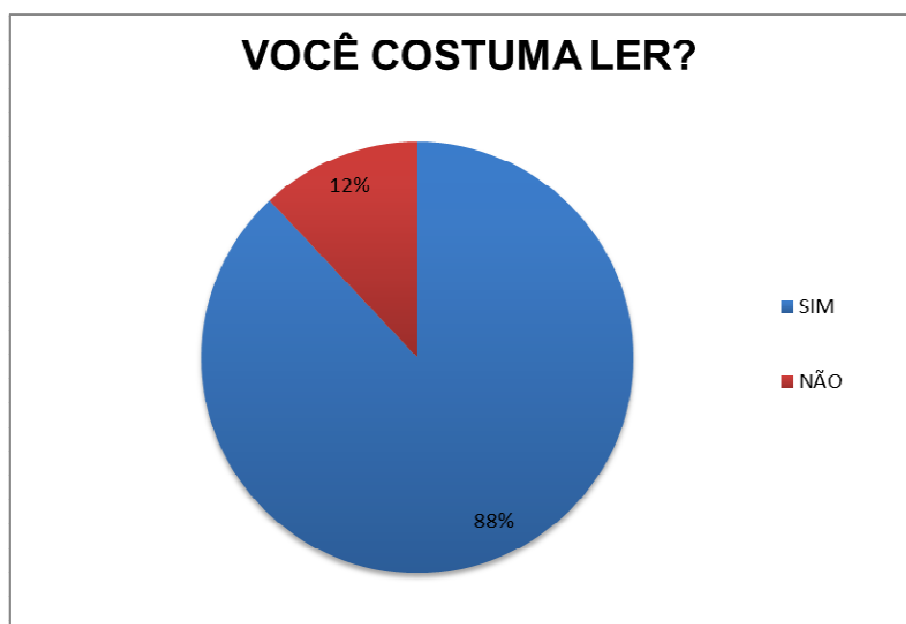


Gráfico 01 - Presença da leitura na escola

Quanto aos formatos de leitura aderidos pelos leitores pesquisados, o gráfico 02 aponta três possibilidades de formas de leitura nas práticas cotidianas escolares: a leitura apenas no livro impresso, a leitura somente na tela e a leitura, simultaneamente, nos dois formatos; impresso e digital.

Os dados indicam que 73% dos alunos têm preferência pela leitura em livros impressos. Entretanto, 10% optam pela leitura na tela e 17% aderem à leitura nos dois formatos paralelamente. Os percentuais provocam reflexões acerca da contrariedade aos clichês sobre leitura, sobretudo, nos tempos digitais, entre eles: “as crianças não gostam de ler”, “as crianças estão deixando os livros de lado por causa das tecnologias da informação e comunicação”. As informações explicitadas, no

gráfico 02, nos instigam para uma desconstrução da relação sujeito-leitura, muitas vezes, imposta pelo senso comum.

A discussão dos dados do segundo gráfico reforça a importância da escola como espaço/tempo de incentivo à intimidade entre o leitor e livro tradicional e, paralelamente, a abertura de novas frentes para a relação leitor e novas formas de leitura. De acordo com Lima (2010), o ensino da leitura, nos tempos atuais, exige a articulação de práticas leitoras que incluam as diferentes estruturas de escrita: fixa (impressa em papel) e móvel (tela de televisão, computador).

Para efetivação da formação de leitores preparados para lidar com as peculiaridades da leitura estática do papel e móvel da tela, a escola pode (re)criar situações e ambientes favoráveis à gênese de um novo leitor, capaz de valorizar os diferentes formatos de leitura que a cultura atual pode oferecer.

Perrotti (2004) preconiza:

Podem ser cantos nas próprias salas de aula, podem também ser salas de leitura ou biblioteca escolares; são validas também estantes, caixas, armários, baús e tantos quanto forem os formatos que possam inventar, podem ser instalações fixas ou circulantes, ou, então, parte fixa, parte circulantes. (PERROTTI, 2004, p.14)

Deste modo, a escola pode contar com inúmeras possibilidades criativas, pensadas pelos sujeitos da comunidade educativa a fim de oportunizar aos alunos uma efetiva formação leitora, cuja essência concentra-se nos livros impressos, mas também novos dispositivos de leitura. Para Queirós (2009, p.45), qualquer prática que tem a literatura como objeto central favorece a promoção de uma sociedade leitora.



Gráfico 02 - Formatos de leitura na escola

Por meio da análise dos dados apresentados, ressalta-se a importância das diversas formas de leitura oferecidas no dia-a-dia da escola, objetivando promoção e estímulo do hábito de ler. Mesmo que, de acordo com os dados apontados por esta pesquisa, o livro impresso ainda seja o principal recurso utilizado no processo de formação do leitor, é inegável a importância da leitura virtual. Para Chartier (1998), a diferença é que num suporte virtual a leitura tende a ser realizada em espaços circunscritos. Os textos vão ao encontro do leitor sem precisar deslocamento físico.

O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. (...) A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de uma forma que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas”. (CHARTIER, 1998, p. 13- 16)

No entanto, nos mais variados formatos de leitura, o texto só se move com uma condição- a existência do leitor. O leitor é personagem principal de qualquer livro ou tela digital. O escritor italiano, Umberto Eco (2003, p 72) afirma que “o texto é uma máquina preguiçosa, esperando que o leitor faça a sua parte”. A concepção umbertiana sublinha a importância do leitor no processo comunicativo, isto é, o texto é uma máquina, mas não funciona por si própria, independente do dispositivo utilizado. O texto só se move com o dinamismo do leitor. O leitor é o principal elemento de qualquer livro ou de seus descendentes. Entretanto, não basta que existam as mais variadas fontes de leitura, é necessário potencializar os leitores para que possam lidar com cada uma das formas de leitura oferecidas pelos tempos atuais.

4. (IN)CONCLUSÃO

Em um momento em que tanto se fala e escreve sobre a formação dos brasileiros por meio da leitura na escola, é essencial pensarmos sobre as políticas de formação de leitores, o que compreende a importância do livro e seus sucessores e a garantia plena do acesso de nossos alunos aos conhecimentos ali expressos, como ferramenta de cultura, de análise e de transformação das pessoas e da sociedade.

A apreensão significativa da realidade que nos rodeia, e da qual fazemos parte, pode, desta, forma, ser mais bem percebida e transfigurada, a partir do acesso aos livros e aos novos dispositivos de leitura digital, das políticas de formação de leitores. O expressivo ícone da leitura em toda história da humanidade é o livro. No entanto, nos distanciamos da possibilidade de aceitar o livro como única fonte de incentivo à leitura.

O presente estudo revela uma amostragem do perfil do leitor atual, a fim de contribuir para o andamento de novas pesquisas a respeito de políticas públicas que oportunizem a formação de leitores na escola.

Os altos índices de analfabetismo do país refletem a falta de seriedade para com as políticas de formação de leitores e cultura da e para leitura. De acordo com os últimos dados INAF de 2012, Índice Nacional de Analfabetismo Funcional, realizado pelo medidor e avaliador das habilidades de

leitura, escrita e matemática, classifica os respondentes em quatro níveis: analfabetos, alfabetizados em nível rudimentar, alfabetizados em nível básico e alfabetizados em nível pleno.

São considerados analfabetos aqueles que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases. Ainda que uma parcela destes consiga ler e escrever; alfabetizados em nível rudimentar aqueles que localizam uma informação explícita em textos curtos e familiares.

Já os alfabetizados em nível básico os que leem e compreendem textos de média extensão, localizando informações mesmo com pequenas inferências e os alfabetizados em nível pleno as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos usuais, ou seja, leem textos mais longos, analisam e relacionam suas partes, comparam e avaliam suas informações, distinguem fato de opinião e realizam inferências e sínteses. Os dois primeiros níveis são considerados analfabetos funcionais. Atualmente, 27% dos brasileiros são plenamente alfabetizados (INAF, 2012).

Urge nascer uma cidade, um país de leitores. Luzia Reis (2002) admite: “a leitura é exercício da condição de pensar, é alimento para a imaginação, é refinamento do espírito.” Assim, é difícil pensar a humanidade sem pensar a leitura. É emergente a constituição de uma sociedade letrada. Deste modo, é dever da família, da escola, de pesquisadores, enfim do Estado fomentar, desenvolver e criar sujeitos leitores preparados para lidar com as novas manifestações da linguagem.

A presente pesquisa nos instiga para potencializarmos a crença na possibilidade de termos a escola como aliada da formação de uma nova geração de leitores, aquela que além ler palavras interpreta códigos verbais e sonoros. Os dados demonstraram que o leitor da cultura midiática valoriza a leitura no livro impresso, no entanto (re)conhece e interage com os novos formatos de exposição da leitura. Refletir a respeito da inter-relação leitor, linguagens e tecnologias, entender o lugar que leitura ocupa na infância, no universo escolar é indispensável para edificação de uma sociedade de leitores em tempos midiáticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEN, Ana. *Competência pedagógica e pluralidade cultural: eixo na formação de professores? Caderno de Pesquisa*, Rio de Janeiro, n.102, p. 89-107, 1997.

_____. *Formação Continuada de professores para a diversidade cultural*. Revista Brasileira de Educação, v.5, n.2, 2011.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do navegador ao leitor*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. Petrópolis: Fundação Petrópolis, 2000.

_____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo, Moderna 2000.

ECO, Umberto. *Sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Indicador Nacional de Analfabetismo Nacional (INAF)*.

Disponível em <http://www.ipm.org.br/>. Acesso em 20 de set. de 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/> Acesso em 20 de set. de 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. *Marcos referenciais do PISA: Matriz de avaliação de leitura*. Brasília, 2012. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-marcos_referenciais> Acesso em: janeiro de 2015.

LIMA, Elvira. *Neurociência e leitura*. São Paulo: Inter Alia Comunicação e Cultura, 2010.

MORAN, José. *Desafios que as tecnologias digitais nos trazem*. In: *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papyrus, p.30-35, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

OECD. *Programme for international student assessment: Results from Pisa 2012 – Country Note Brazil*. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>> Acesso em: janeiro de 2015.

PERROTTI, Edemir, *Lugares da leitura: a escola como espaço de leitura*. In: *Boletim Salto para o futuro-espços da leitura*. Rio de Janeiro. TV – Brasil. 2004.

PERISSÉ, Gabriel. *Ler, pensar e escrever*. São Paulo: Saraiva, 2011.

QUEIRÓZ, Cristina Maria de. *Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes*. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 08/07/2015.

REIS, Luzia de Maria. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. São Paulo: Vozes, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

VIEIRA, Sônia. *Como elaborar questionários*. São Paulo. Ed. Atlas, p.159, 2009.